

O DIALOGISMO NA CONSTRUÇÃO DE REFERENTES EM EDITORIAIS DE JORNAL

Digenário Pessoa de Sousa*

Resumo: A imprensa, por ser um importante lugar de produção, manutenção e circulação de sentidos, se torna um considerável objeto de estudo para compreensão das práticas linguageiras e, conseqüentemente, também dos processos de referenciação. Aqui, interessará o gênero editorial, pois este se constitui em um instrumento de posicionamento político-axiológico da empresa jornalística e “revela” as vozes sociais constituintes das representações construídas pelo jornal. Pretende-se analisar como se dá a construção do objeto de discurso *Lula* no jornal *O Estadão*, utilizando um enfoque dialógico da referenciação (ALVES FILHO, 2010). Fundamentam o trabalho, especialmente, Mondada e Dubois (2003) com a noção de *objeto de discurso* e Bakhtin (1997) e (2003) que enseja a discussão sobre a dialogicidade da referenciação. Compõem o *corpus* deste trabalho cinco editoriais do jornal *O Estadão*, os quais abordam de alguma forma o referente *Lula*.

Palavras-chave: dialogismo, objetos de discurso, editorial de jornal.

Abstract: The press, being a place of production, maintenance and circulation of meaning becomes an important object of study to understand the language practices and thus also the processes of construction of objects of discourse. Here, it will be the interest of the editorial genre, because it constitutes an instrument of political and axiological position of journalistic enterprise and "reveals" the social voices of the constituent representations built by the newspaper. It is intended to analyze how is the construction of the discourse object *Lula* on *Estadão* newspaper, using a dialogical approach of referencing (ALVES FILHO, 2010). This work is especially based on Mondada and Dubois (2003), with the notion of *objects of discourse*, and Bakhtin (1997) and (2003) who base the discussion of the dialogical referencing. The *corpus* of this work is composed by five editorials on *Estadão* newspaper, which address somehow the referent *Lula*.

Key-words: dialogism, objects of discourse, newspaper editorial.

Introdução

Tomar como fundo epistêmico as inter-relações dialéticas entre o domínio verbal, o domínio social e a discursividade dos processos referenciais é algo que tem sido feito cada vez mais constantemente nos estudos de referenciação nos últimos anos, especialmente, partindo das contribuições de Blikstein (2001) e Mondada & Dubois (2003). Realmente, muitos foram os ganhos com essa perspectiva, mas uma grande parte desses trabalhos ainda necessita dar um tratamento teórico-metodológico mais apurado aos seus objetos de pesquisa que contemple, de fato, a discursividade e a intersubjetividade constituintes dos processos de referência. Alguns trabalhos já começam a enveredar por este viés, por exemplo, Alves-Filho (2010), Vieira (2009), Santos-Silva e Sousa (2009). Mas, cremos que é preciso um maior número de trabalhos nesta linha para que ela se solidifique ainda mais e, nesse sentido, empreendemos esta breve pesquisa.

Dessa forma, pretendemos, aqui, desenvolver um estudo sobre como se dá a construção do objeto de discurso *Lula* em editoriais do jornal *O Estadão*, utilizando um enfoque dialógico da

* Mestrando em Letras (UFPI) - Bolsista da CAPES - digenariopessoa@gmail.com

referenciação. Com este propósito, orientamos nossa discussão no caminho de algumas questões: a) em que sentido, olhando para um editorial de jornal, podemos dizer que a construção dos objetos de discursos é um processo colaborativo? b) como a interdiscursividade se manifesta e como contribui para construir e legitimar referentes? c) que implicações resultam da postura de se tomar o gênero como critério para análise dos processos referenciais? Dificilmente conseguiremos dar conta desses questionamentos de modo satisfatório, mas esperamos pelo menos conseguir reforçar a tese de que, no gênero editorial, objeto de reflexão deste trabalho, apenas a cadeia anafórica é insuficiente para a compreensão do funcionamento discursivo dos processos referenciais e que, conseqüentemente, há o imperativo de se buscar outras *marcas* para a clarificação dos processos de construção referencial. Além disso, partindo da noção de dialogismo/interdiscursividade, para tal empreitada, esperamos mostrar que a colaboratividade na construção de referentes, em um editorial, é mais perceptível do ponto de vista do dialogismo/interdiscursividade do que da relação estabelecida entre o enunciador (jornal/editor) e seus co-enunciadores (leitores presumidos).

Para tanto, nossa fundamentação teórica contempla, especialmente, Bakhtin (1997) e (2003) no que diz respeito às noções de *dialogismo* e *gênero de discurso* e Mondada & Dubois (2003) para tratar de *objeto de discurso* e *referenciação*. O *corpus* é composto por editoriais do jornal *O Estadão* que têm como um dos tópicos discursivos o presidente Lula. A análise é feita a partir da identificação da cadeia anafórica responsável pela atualização do objeto de discurso *Lula*, para, depois, empreender uma análise contrastiva desta cadeia referencial com as vozes sociais manifestas ou não nos editoriais em estudo.

Organizamos o trabalho, basicamente, em duas partes. Primeiro é feita uma incursão sobre as dimensões teóricas que serão alicerces para as reflexões arroladas neste estudo e, depois, é desenvolvida a análise propriamente dita nos moldes descritos acima.

Coordenadas teóricas

A linha teórica em que se situa esta proposta de pesquisa é a interface dos estudos de referenciação e a proposta teórica do Círculo de Bakhtin, em que se destacam conceitos como dialogismo, heteroglossia/polifonia, gêneros do discurso, cronotopo, etc., e que dão base a muitos estudos de Linguística, especialmente os da Análise do Discurso. Acreditamos, pois, na possibilidade de uma aproximação das duas perspectivas teóricas a partir do princípio bakhtiniano do dialogismo, porque, se todo ato de linguagem está submetido a tal princípio, os processos referenciais, por consequência não poderiam evadir-se de tal postulad¹. Logo, cremos que a referenciação, entendida como processo de construção de objetos de discurso que refratam a realidade, é organizada e determinada pelas vozes sociais que constituem o discurso e os sujeitos da interação verbal, pela estrutura do gênero e pela realidade trans-linguística que envolve o ato de enunciação.

Como assevera Faraco (2009), para o Círculo de Bakhtin, nos processos referenciais há a ação de duas operações simultaneamente no signo, quais sejam a *reflexão* e a *refração*. Ainda segundo o mesmo autor (2009, p. 50-51) “refratar significa (...) que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas

¹ Mesmo que se trate de linhas de pesquisa com fundo epistemológico distinto, nos últimos anos, especialmente, a partir dos trabalhos de Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995), Mondada e Dubois (2003) e Mondada (2001), as noções de *objeto de discurso* e *categorização* tem se encaminhado na direção de uma análise sócio-cognitiva e discursiva dos processos referenciais, o que nos credencia, acreditamos, a tentar esta aproximação.

interpretações (*refrações*) desse mundo”. Nessa mesma linha do Círculo², e em oposição à concepção clássica de referência, a partir da qual se acreditava que esse processo era um expediente pelo qual se *refletia* o mundo de modo estável e acabado, Koch (2006) menciona que, longe de um procedimento mecânico e determinista, a ação de reportar-se ao real por meio da linguagem se dá de modo dissimétrico, pois não há entre o mundo real e o linguístico uma relação de biunivocidade. Isso porque, ao referir, o sujeito enunciador opera uma ação de (re)criação da realidade consoante seus valores sociais e sua intenção comunicativa. Isso é apontado em Mondada (2001, p. 9), quando defende a substituição dos termos *referente* e *referência*, advindos da Filosofia da Linguagem, da Lógica e da Linguística, por *objeto de discurso* e *referenciação*, respectivamente.

(...) A *referenciação* opera uma mudança em relação ao primeiro quadro (linguagem como representação do mundo): ela não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas.

(...)

No seio dessas operações de referenciação, os interlocutores elaboram *objetos de discurso*.³

Contrastando com a abordagem clássica, haja vista “a noção de verdade como correspondência [ser] irrelevante para o processo referencial” (MARCUSCHI, 2001, p. 37), a referenciação é, pois, um processo linguístico-discursivo de (re)construção de objetos de discurso em função de um objetivo comunicativo que resulta na elaboração de versões de mundo publicamente elaboradas. Esse posicionamento teórico aponta para uma dessacralização das atividades designatórias e para a sua conseqüente relativização, o que leva a afirmar a inexistência⁴ da identificação perfeita entre os sistemas semióticos e as coisas do mundo. Na esteira desses comentários, é possível asseverar-se ainda que muito além de uma mera forma de nomear o mundo, a linguagem é a forma de se interagir com ele, construindo-o, mantendo-o e modificando-o (KOCH, 2006). Essa é a linha de pensamento que conduz o trabalho de Blikstein (2001), outro contestador dos estudos clássicos de referenciação, os quais buscavam elucidar as relações entre a linguagem e o real. Para ele, o referente é resultado de processos sócio-cognitivos orientados pelo horizonte social dos enunciadores, ou seja, por “óculos sociais”. Não se deve confundir, portanto, nessa linha de raciocínio, objeto de discurso com objeto de mundo. Um mesmo objeto de mundo pode ser referido de várias maneiras por meio de diferentes objetos de discurso. Se se toma como exemplo o objeto de mundo *mulher*, ele pode ser referido como *mulher*, *donzela*, *senhorita*, *gatinha*, *a melhor coisa do mundo*, etc. É mister ter em mente que essa variedade referencial só se atualiza no universo intersubjetivo da interação verbal, o que nos remete a Bakhtin (1997) quando trata da dialogicidade da linguagem. Tanto no sentido da interação imediata quanto da interdiscursividade, a escolha referencial, mesmo transcorrendo no calor da interação ordinária, atualiza discursos circulantes no meio social. Ora, o sujeito que

² Não queremos dizer com isso que os trabalhos defensores da referenciação como um procedimento de construção de objetos de discurso seja tributária das discussões desenvolvidas no Círculo de Bakhtin, mas que as duas perspectivas seguem por caminhos semelhantes.

³ Tradução nossa. “(...) La *référenciation* opere un glissement par rapport à ce premier cadre: elle ne préivilégie pas la relation entre les mots et les choses, mais la relation intersubjective et sociale au sein de laquelle des versions du monde sont publiquement élaborées (...) Au sein de ces opérations de *référenciation*, les interlocuteurs élaborent des *objets de discours*”

⁴ Ou pelo menos quase inexistência da identificação biunívoca dos objetos de mundo com os objetos de discurso/referentes. Isso porque, em oposição à proposta defendida por Mondada e Dubois (2003), puramente refratária, há casos em que a reflexão vai existir e apoiamos-nos para tal afirmação em Bakhtin (1997), quando este afirma ser a linguagem um instrumento de *refração* e *reflexão* da realidade.

refere uma *mulher* com a descrição nominal *a melhor coisa do mundo*, certamente, não partilha os mesmos valores e discursos de um outro que opte por referi-la como *senhorita* ou *donzela*. Nesse ponto, chegamos ao que Alves Filho (2010) defende como *plurilinguismo referencial*. Segundo Mondada e Dubois (2003), a referenciação não é guiada por valores de verdade como defendiam os clássicos, mas construída *ad hoc*, derivando daí sua instabilidade e variabilidade. No entanto, Alves Filho (2010, p. 212) defende que “Quando alguém refere algo de algum mundo, seu intento é que tal ato de referenciação seja aceito como verdadeiro ou como válido ou como bom pelos seus interlocutores: o empreendimento enunciativo é orientado com base na busca de uma verdade referencial.” Vista dessa forma, a instabilidade na referenciação ganha outros contornos, pois, da ótica do enunciador, os referentes se apresentam estáveis justamente porque compartilham essas referências com determinados grupos sociais, os quais são orientados por determinadas vozes sociais, ou “óculos sociais”. A instabilidade ou *plurilinguismo* se dá na interação, quando dois sujeitos em interlocução tentam impor sua visão de mundo, criando, dessa forma, um ponto de tensão entre essas visões de mundo e, portanto, entre as referências a um dado objeto de sentido.

Por trás de toda essa discussão, está o dialogismo. Conforme Bakhtin (2003, p. 299-300) “O objeto do discurso do falante (...) não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos.” É basicamente nesta linha que Alves Filho (2010) se posiciona, argumentando que as referenciações não são totalmente *ad hoc*, embora sempre sejam únicas por conta de uma série de fatores, mas que são orientadas por essas outras enunciações, esses outros dizeres, enfim, essas outras vozes sociais.

Fiorin (2006, p.167), em leitura da obra de Bakhtin, propõe que o dialogismo “é o modo de funcionamento real da linguagem e, portanto, é seu princípio constitutivo”. Nesse sentido, a linguagem funciona como um instrumento que serve para mediar a interação do homem com sua realidade circundante, de forma que, para viver em sociedade e constituir-se como sujeito, impreterivelmente, deve-se passar pela linguagem, uma vez que “o real se apresenta para nós semioticamente” (FIORIN, 2006). Ora, como toda realidade está imersa em discursos que a significam e a resignificam de diversos ângulos, as relações sociais só podem ocorrer dentro da relação entre os discursos, isto é, do dialogismo. Como acentua Brait (2005, p.93), “a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado”. Assim, todo enunciado toma por princípio o diálogo. Todo discurso é uma resposta a outro discurso, uma vez que, por trás de uma enunciação, existe a figura do enunciador dotada de interesses e emoções e que, por sua vez, está inserida no contexto mais amplo do meio axiológico do seu grupo social, ou seja, no interdiscurso. Desse modo, a construção de objetos de discurso (referenciação) emerge da situação de interação e de todos os itens nela imbricados (ideologias, valores individuais, estruturas cognitivas dos co-enunciadores, etc.).

A referenciação é dialógica também, porque, conforme dito anteriormente, reflete e refrata a ordem social e genérica, uma vez que, o gênero do discurso é a estrutura organizadora e que permite a realização das práticas languageiras. Pensar no homem é pensar em suas práticas sociais e como elas se estruturam por meio da linguagem. Conforme Bakhtin (2003, p. 261),

os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada (...) campo [atividade antrópica]⁵ não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo por sua construção composicional.

⁵ Nota do redator deste projeto.

A forma como o gênero se organiza está estritamente relacionada com a atividade que ele possibilita. Os gêneros do discurso são, portanto, tipos de enunciados relativamente estáveis e intrinsecamente ligados a uma esfera de atividade humana, caracterizando-a e sendo caracterizado por ela mediante processos discursivos de assimilação-reprodução da realidade (BAKHTIN, 2003). Visto desse modo, o gênero é fundamental para o estudo da linguagem, inclusive, para o estudo da referenciação, haja vista ele funcionar como organizador da atividade linguageira e, conseqüentemente, dos processos referenciais, uma vez que estes são adequados ao gênero de discurso onde são empregados. Por exemplo, não se referencia do mesmo modo em uma *notícia*, em um *editorial* ou em uma *conversa informal de boteco*. Logo, ainda segundo Bakhtin (2003, p. 264-265),

o desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero de discurso **em qualquer campo da investigação linguística**⁶ redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida.

Um trabalho sobre linguagem, então, que desconsidere os gêneros do discurso, inevitavelmente, incorrerá em formalismo e em uma desconexão com a realidade construída através da linguagem (a vida). Nesse sentido, o estudo da referenciação deve, pois, também passar pela noção de gênero do discurso, uma vez que eles funcionam como princípio de análise e como critério de organização do *corpus*, além de apontar para uma visão do enunciado como um produto sócio-historicamente situado e dialeticamente relacionado com seu *locus* de circulação.

Procedimentos teórico-metodológicos

De acordo com o dito anteriormente, o *gênero de discurso* é uma categoria muito importante para se compreender melhor o funcionamento da linguagem e é a partir dela que organizamos e desenvolvemos as análises neste trabalho. Conforme apreendido de Bakhtin (2003), a análise dos enunciados deve ser um processo contextualizado e, acreditamos, ser o gênero o caminho para essa contextualização, uma vez que ele contém, tipificada em sua estrutura, uma série de orientações de produção/intelecção dos enunciados. Enfim, o gênero de discurso é a porta para a contextualização e compreensão holística de um enunciado.

Em nosso caso de estudo, os editoriais, muitas discussões já foram arroladas sobre o comportamento discursivo deste gênero, como por exemplo, Alves Filho e Sousa (2010). Interessar-nos-á, de perto, a discussão proposta por Alves Filho (2009) segundo a qual em um gênero de discurso serão encontradas estabilidades caso se direcione o olhar para seu funcionamento no âmbito de uma determinada empresa jornalística, ao passo que, se se tomam empresas jornalísticas distintas, o comportamento do gênero será visivelmente instável. Ora, se a referenciação é situada, conforme vimos defendendo, e uma dessas âncoras é o gênero, então a proposição de Alves Filho (2009) pode ser estendida também aos processos referenciais. Desse modo, para se encontrar recorrências no funcionamento discursivo dos processos de construção referencial, em gêneros da esfera jornalística, é necessário que se olhe para o gênero, primeiramente, situando-o em sua empresa jornalística, caso contrário, as estratégias de construção referencial serão bastante distintas e irregulares. Em Santos-Silva e Sousa (2009), por exemplo, procedemos a uma análise da construção do objeto de discurso *Lula* em dois jornais, *O*

⁶ Grifo nosso.

Estadão e Meio Norte, a partir da qual concluímos que o comportamento referencial dos dois jornais, em relação a esse objeto de discurso, era diferenciado.

Assim, não só o *gênero*, mas também a *empresa jornalística* é critério para a análise que pretendemos empreender neste trabalho. Para seleção e organização do *corpus* foram tomados, pois, como parâmetros o pertencimento ao gênero editorial de jornal, o recorte por empresa jornalística e a presença nos editoriais do tópico discursivo *Lula*. Abaixo, listamos os procedimentos utilizados para a discussão:

- 1) identificação das cadeias anafóricas referentes ao objeto de discurso *Lula*;
- 2) mapeamento das vozes sociais resultantes do interdiscurso, as quais se manifestam no editorial a partir da heteroglossia/polifonia e as vozes depreendíveis, embora não-mostradas, mas constitutivas do enunciado;
- 3) empreendimento de uma análise contrastiva entre 1 e 2 para compreender como se dá a construção do objeto de discurso *Lula* no gênero editorial do jornal O Estadão.

O gênero editorial de Jornal

No jornal, o editorial funciona, especialmente, para marcar o posicionamento da empresa jornalística frente aos temas públicos de maior notoriedade no momento. Nesse gênero, o jornal rompe com o paradigma da imparcialidade (ou parcialidade velada da imprensa) característico de sua esfera de atividade social para marcar sua posição político-ideológica. Conforme Bakhtin (1997) e (2003), os enunciados são respostas a outros enunciados. Assim, os editoriais respondem a outros enunciados que estão em discussão no momento no meio social em que circulam. Mas, além dessa função que parece ser a principal, poderíamos elencar muitas outras, tais como interagir com segmentos da elite da sociedade, perpetuar e legitimar determinadas opiniões e discursos, servir como porta-voz das decisões das altas esferas do poder, dentre outras.

Em Alves Filho e Sousa (2010) discutimos que a abordagem dos temas no editorial é feita, mormente, pelo viés da verdade definitiva em que a empresa jornalística, mesmo sendo o editorial um gênero marcado pela parcialidade de julgamento e, portanto, por uma verdade relativa, impõe sua posição como sendo a única verdade. Tal funcionamento é perceptível nas seguintes características: a) ausência de diálogo com o leitor; b) conclusibilidade definitiva do ponto de vista; c) modalidade deôntica para definir como o poder público deve agir; d) predominância absoluta de referenciação realizada linguisticamente com o uso de descrições definidas.

Processos de construção referencial no editorial do *Estadão*

Conforme pudemos perceber acima, para atender aos seus propósitos comunicativos, o editorial apresenta uma organização estilística e composicional específica para satisfazer eficientemente seus projetos de dizer. Logo, a referenciação organiza-se de modo a contribuir para que as representações elaboradas nos enunciados sejam tidas como “a versão”, a verdade, sobre o tema abordado.

Abaixo temos um quadro elaborado para mostrar como se apresentam as cadeias anafóricas em três dos cinco editoriais analisados. O primeiro deles é *Por que Lula não lê jornais* que desenvolve uma crítica pertinaz à postura do presidente com relação, especialmente, à imprensa, defendendo que tal instituição é fundamental para manutenção de uma democracia sólida e que um chefe de estado não pode abster-se de interagir com ela. O segundo editorial, mais uma vez com uma crítica direta ao presidente, apresenta Lula como uma figura controversa, dissimulada e obsessiva em suas queixas com relação à imprensa. O último critica o comportamento do presidente no tratamento da candidatura da presidente Dilma Rousseff.

Quadro I – Cadeia anafórica do referente *Lula* nos editoriais

<p>A) Editorial: Por que Lula não lê jornais, <i>Estadão</i>, 8 de Janeiro de 2009. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva > Ele > Lula > lhe > sua > sua > Lula > o presidente > lhe > Lula > lhe > o anfitrião > Lula > o > Lula > o presidente da república > lhe > ele > Lula > Lula > o > ele.</p>
<p>B) Editorial: A síndrome do presidente, <i>Estadão</i>, 12 de Fevereiro de 2009. o presidente Lula > ele > seu > ele > (n)o > seus > Lula > o > Lula > o Lula > (n)ele > seu > sua > Lula > ele > suas > lhe > sua > Lula > sua > Lula > sua > sua > lhe > o verdadeiro Lula > Ele > Lula > ele > Lula > o presidente > Lula > Lula > seu.</p>
<p>C) Editorial: O “sequenciamento” de Lula, <i>Estadão</i>, 04 de Maio de 2010. um dos maiores artistas de palanque do mundo > ele > (d)o presidente > sua > ele > sua > se > Ele > se > seu > Lula > Lula > ele > Lula > sua > o padrinho-presidente > (d)ele > Lula > seus > seu > o presidente.</p>

A primeira e mais evidente constatação é que já fora observada em Sousa e Silva (2009) e Vieira (2009) é a de que praticamente não há apreciação do referente nas expressões referenciais componentes da cadeia anafórica. Hodiernamente, quando se estuda os objetos de discurso, concentra-se, via de regra, a análise nas cadeias referenciais, o que não contempla a perspectiva da teoria dos objetos de discurso conforme defendida por Mondada e Dubois (2003). Vislumbrando isso, Vieira (2009) defende que as expressões referenciais não gozam de exclusividade no que diz respeito à função referencial e que as predicções são fundamentais para a afirmação da noção de objeto de discurso. Isso porque, se se olha unicamente as cadeias referenciais, observa-se uma não evolução do objeto de discurso e não se contempla seu aspecto de instabilidade e discursividade, que se revelará com mais clareza apenas nas predicções.

Em textos opinativos, o esperado seria que houvesse uma grande recorrência de anáforas recategorizadoras⁷, haja vista estas conservarem intrinsecamente um tom avaliativo do referente em construção. No entanto, isso não acontece e o que se observa é o predomínio de anáforas diretas atualizadas por nome próprio, pela repetição de uma mesma descrição nominal ou pela presença de pronomes. A recategorização, o que seria esperado para um gênero como o editorial, pouco aparece. No editorial *Por que Lula não lê jornais*, há apenas um caso de recategorização pela expressão referencial que ocorre em *o anfitrião* que modifica a sequência da categorização *o presidente Lula*. No segundo editorial, a recategorização aparece, mas sem estar marcada na própria expressão referencial conforme vemos no trecho abaixo:

- (1) *Lula*, a figura pública, com a sua excepcional inteligência e senso de realidade, aprendeu a se conciliar com (e a desfrutar de) um sistema que *o Lula*, retirante, engraxate e operário, jamais perdoará.

Temos, neste caso, duas categorizações do referente *Lula*, a primeira abordando a faceta pública do presidente da república e a outra, a face que marcou (e ainda marca conforme argumentação do jornal) Lula durante grande parte de sua trajetória de vida política. Percebe-se que, mesmo sendo as expressões nominais semelhantes (só não são idênticas por causa do determinante “o” da segunda expressão, que, no entanto, neste caso, não interfere muito na

⁷ Pautamos a definição de anáfora em Cavalcante (2003).

categorização proposta), o enfoque dado ao referente é distinto, ou seja, há uma mudança na categorização ou, especificamente, uma recategorização na segunda expressão nominal.

O terceiro editorial, *O “sequenciamento” de Lula*, apresenta um comportamento mais avaliativo nas expressões referenciais que os dois primeiros, pois categoriza Lula como *um dos maiores artistas de palanque do mundo*, recategorizando-o adiante como *o presidente* e, mais a frente, como *padrinho-presidente*. No entanto, ainda assim, somente as expressões referenciais são insuficientes para vislumbrarmos mais amplamente a dinâmica da negociação do objeto de discurso *Lula* nos editoriais do jornal *O Estadão*.

Fitando-se apenas a cadeia anafórica, poder-se-ia até mesmo dizer que o referente é categorizado inicialmente e mantém-se “estável” durante todo o texto. Porém não é isso que acontece, pois, durante a sequência narrativa, o objeto de discurso *Lula* vai sendo negociado explicitamente com as vozes marcadas no fio do discurso e implicitamente com as vozes que não se apresentam na superfície textual. Essas expressões referenciais formam grupos que estão associadas a pontos de vista distintos de modo que cada grupo de expressões aciona *objetos de discurso distintos* e deixa transparecer a natureza interdiscursiva, ou dialógica, da construção dos referentes.

Na construção das representações no/pelo discurso, a dialogização das vozes sociais no interior das enunciações é fundamental para compreender a dinâmica que fundamenta a elaboração dos objetos de discurso. No caso específico do editorial⁸, as vozes que interferem na referenciação são, principalmente, as pertencentes ao universo do já dito e frente às quais o editorial funciona como réplica. É nesse domínio que se pode falar de colaboratividade na construção de referentes no gênero editorial, porque esta se torna mais perceptível do ponto de vista da interdiscursividade/dialogismo do que da relação estabelecida entre o enunciador e seus co-enunciadores. Isso porque, historicamente, o Brasil nunca apresentou uma opinião pública sólida e ativamente responsiva (MELO, 1994). Desse modo, os co-enunciadores têm um papel mais de contempladores de uma encenação dialógica entre a empresa jornalística e outras instituições, tais como o Estado, a burguesia industrial, entre outras. Nesse sentido é que defendemos que, em um editorial, tem-se uma interlocução institucional⁹.

A seguir, objetivando facilitar a discussão, organizamos algumas marcas da heteroglossia no quadro abaixo. Nele temos as vozes marcadas no enunciado, classificadas de acordo com o processo de transmissão do discurso de outrem conforme proposta de Maingueneau (2001) e a posição/sujeito enunciativo. Os trechos retirados do editorial para análise possuem uma numeração que mostra a ordem que essas citações apareceram no texto.

Quadro II – Editorial: A síndrome do presidente, *Estadão*, 12 de Fevereiro de 2009.

Formas do discurso relatado/Marcas linguísticas	Enunciados com discurso relatado	Voz Social/posições de sujeito.
Modalização em discurso segundo	_____	_____
Discurso direto	[3] "É preciso parar com essa mania de dizer que, porque a imprensa deu, é porque é contra o governo, porque não gosta do governo", admoestou sabe-se lá quem. "Se a imprensa deu e o fato	[3]: Presidente Lula.

⁸ Porque o objeto de pesquisa, aqui, são editoriais e não porque este funcionamento seja exclusivo do gênero editorial de jornal.

⁹ Esta tese é apenas uma proposição e que necessita de um trabalho mais pormenorizado para que seja fundamentada.

		aconteceu, em vez de a gente reclamar, tem de consertar."	
	Discurso direto livre	_____	_____
	Discurso indireto	[2] não se encontrará um líder nacional que diga que a leitura dos jornais lhe dá azia. [4] Ele disse que acordou "virado" com o noticiário sobre o pacote de bondades com que o governo os presenteou, a começar do escandaloso parcelamento, em até 20 anos, das dívidas das prefeituras com o INSS, beneficiando até aquelas que fizeram acordo com a Previdência em 2004 e não pagaram as prestações devidas. [7] Lula negar que teria chegado aonde chegou sem a liberdade de imprensa	[2]: Líder nacional (enunciador genérico); [4] e [7]: Presidente Lula.
Formas híbridas	Ilhas enunciativas	[1] acentuar a construída polaridade entre ele e "os de cima", como gosta de dizer. [6] Lula se disse triste "porque estão abusando da minha inteligência". [5] Foram "insinuações grotescas", atacou. [8] Agora, da nova "metamorfose" sai a versão de que "nunca fui eleito porque a imprensa brasileira ajudou", mas "porque o povo quis".	[1], [5], [6] e [8]: Presidente Lula.
	Discurso direto com "que"	_____	_____
	Discurso indireto livre	_____	_____

Do ponto de vista da enunciação, o sujeito, ao tomar a palavra para si, assumindo, teoricamente, a responsabilidade do conteúdo proposicional enunciado, torna-se fonte das referências enunciativas, ou seja, a partir dele ocorrem as operações de ancoragem enunciativa. No entanto, Maingueneau (2008) questiona essa correspondência direta exemplificado com o caso do discurso citado. No caso de uma citação, a fonte de referências enunciativas e a responsabilidade pelo ato de fala do enunciado transposto não são diretamente associadas ao enunciador. Nos trechos do quadro acima temos dois enunciados com sujeitos enunciadore distintos e um englobando o outro, cuja distinção é marcada claramente no enunciado citante. Por exemplo, em [3], a sequência entre aspas é um enunciado proferido pelo presidente Lula, o que leva a deslocar os parâmetros de referência enunciativa e a responsabilidade pelo conteúdo proposicional veiculado para outro enunciador que não o jornal *Estadão*. O enunciado citado entra para o corpo do enunciado citante para compor a enunciação do jornal, mas, ainda assim, conserva certa autonomia com relação ao citante.

Como se observa no quadro, as vozes sociais que são incorporadas e mostradas no enunciado são, predominantemente, do presidente Lula, fato que se repete nos demais editoriais analisados. Isso revela uma tendência para a organização estilística dos editoriais desse jornal,

qual seja a de mostrar a voz (poder-se-ia dizer também a representação) a ser desqualificada ou questionada.

As citações das enunciações do presidente ajudam a compor o objeto de discurso *Lula* como sendo controverso, incoerente e manipulador. Como a transmissão do discurso de outrem é um procedimento interessado e que lega ao enunciado transmitido um distanciamento do seu sentido original, porque, embora se mantenha o mesmo “conteúdo proposicional”, há a questão da entoação que o citante imprime ao enunciado citado, podemos dizer que as citações são fruto de recortes feitos nos enunciados do presidente e que corroboram o objeto de discurso defendido pelo jornal. Neste ponto, temos o *plurilinguismo referencial* (ALVES-FILHO, 2010), ou seja, um ponto de tensão e discordância sobre a construção dos referentes, porque as representações partilhadas pelo presidente em suas enunciações, evidentemente, distanciam-se das partilhadas pelo jornal, enfim, cada enunciador enuncia a partir de óculos sociais distintos (BLIKSTEIN, 2001). Isso fica mais claro ainda quando são tomadas a visões desses dois enunciadores frente ao referente *imprensa*.

Todavia, não somente a vozes mostradas no enunciado ajudam a compor o objeto de discurso *Lula*, como também aquelas vozes que não se mostram, mas que, mesmo assim, estão presentes no enunciado. Abaixo, transcrevemos o editorial *A síndrome do presidente*, para demonstrar esse fato.

(2) *A síndrome do presidente*

Mais o presidente Lula parece ficar fora de si, mais autêntico ele se revela. Nos seus furiosos destampatórios, quando perde a "postura" - como reconheceu, alterado, a certa altura do seu discurso de 50 minutos para alguns milhares de prefeitos e acompanhantes reunidos em um centro de convenções de Brasília na terça-feira - é que ele expõe as suas "metamorfoses". Os 84% de aprovação popular deixaram-no totalmente despreocupado com a possibilidade de ser prejudicado por alguma bobagem que fale ou mesmo por alguma das patranhas a que costuma recorrer em seus discursos cotidianos. Aos 63 anos, duas vezes titular da República, Lula ainda conserva, entalada, uma profunda compulsão de desforra da ordem social que o fez comer o pão que o diabo amassou, antes que conseguisse dar a volta por cima como nenhum outro brasileiro que tivesse passado pelas mesmas adversidades.

Lula, a figura pública, com a sua excepcional inteligência e senso de realidade, aprendeu a se conciliar com (e a desfrutar de) um sistema que o Lula, retirante, engraxate e operário, jamais perdoará. A dupla personalidade tem menos que ver com esquerda e direita - se algo não mudou nele é o seu estranhado desdém pelas ideologias - do que com o apaziguamento íntimo dos desencontros entre o "antes" e o "depois" de sua singular biografia. E é por isso que Lula não é cínico quando toma a calculada decisão de se deixar transtornar para jogar as suas plateias contra as "elites" e a instituição que mais ama odiar - a imprensa. Nem por serem de caso pensado, para acentuar a construída polaridade entre ele e "os de cima", como gosta de dizer, as suas investidas deixam de externar o que de inextricável lhe vai pelo espírito. Simplificadamente, é a lógica de sua (aparente) incoerência.

Está para nascer o governante que não se queixe dos meios de comunicação. Mas, no caso de Lula, trata-se de uma obsessão - parte da sua *síndrome*. Olhe-se ao redor e não se encontrará um líder nacional que diga que a leitura dos jornais lhe dá azia. Mesmo o ex-presidente Bush, que tem em comum com Lula o desprazer de ler, temperou com elogios à imprensa a confissão de que não se informava pelos diários, mas pelos assessores que os digeriam para ele. Foi, portanto, um ponto absolutamente fora da curva - quem sabe por ter achado que passou dos limites com a sua *teoria gástrica do jornalismo* - a sua surpreendente barretada à mídia, há dias. "É preciso parar com essa mania de dizer que, porque a imprensa

deu, é porque é contra o governo, porque não gosta do governo", admoestou sabe-se lá quem. "Se a imprensa deu e o fato aconteceu, em vez de a gente reclamar, tem de consertar."

Deve ter-lhe custado a retratação. Não surpreende, pois, que o verdadeiro Lula tenha voltado com tudo contra a mídia no grande comício político que foi o Encontro Nacional de Novos Prefeitos e Prefeitas. Ele disse que acordou "virado" com o noticiário sobre o pacote de bondades com que o governo os presenteou, a começar do escandaloso parcelamento, em até 20 anos, das dívidas das prefeituras com o INSS, beneficiando até aquelas que fizeram acordo com a Previdência em 2004 e não pagaram as prestações devidas. Foram "insinuações grotescas", atacou. Não foram nem uma coisa nem outra. A imprensa não insinuou nada, mas, sim, associou as bondades à promoção da candidata de Lula à sua sucessão, Dilma Rousseff. E não há nada de artificial nonexo, como ele próprio fez questão de explicar às mulheres dos prefeitos em reunião depois do comício com seus maridos, ao justificar a candidatura Dilma com os exemplos de Michele Bachelet, no Chile, e Cristina Kirchner, na Argentina.

Lula se disse triste "porque estão abusando da minha inteligência". Abusa da inteligência alheia o presidente que tenta tapar o sol com a peneira, negando o que não cessa de fazer, como fez no encontro com os prefeitos, quando, previsivelmente, elogiou a "mãe do PAC" (que subiu ao palco ao seu lado) e, sem mais aquela, soltou uma patranha direta contra o governador-presenciável José Serra. Triste, no episódio, foi Lula negar que teria chegado aonde chegou sem a liberdade de imprensa, como não se cansava de lembrar. Agora, da nova "metamorfose" sai a versão de que "nunca fui eleito porque a imprensa brasileira ajudou", mas "porque o povo quis". Só que, antes disso, *a imprensa apresentou Lula ao País e cobriu exaustivamente o seu percurso - no estrito cumprimento do seu dever de informar.*

Estadão, 12 de Fevereiro de 2009.

O editorial inicia construindo o referente *Lula* como sendo controverso, resultado de "metamorfozes" e, portanto, portador de uma dupla personalidade. O que se observa é uma aproximação do dizer do jornal com o discurso médico, o que se apresenta no texto como uma estratégia retórica para conduzir a argumentação. Essa aproximação é perceptível já no título quando o editorial opta pela expressão *síndrome* para determinar a expressão *presidente*. Segundo Houaiss (2001, p. 2578) *síndrome* é um vocábulo do domínio da medicina e significa, dentre outras acepções, um "conjunto de sinais e sintomas observáveis em vários processos patológicos diferentes e sem causa específica". Como se vê, *síndrome* está associada à patologia e é assim que o jornal pretende construir o objeto de discurso *Lula*. Então, esta aproximação com o discurso da medicina se dá pela incorporação do léxico próprio da área e também pela semelhança, em determinado ponto, com o desempenho da atividade, quando o jornal, praticamente simula uma análise psicológica do presidente.

O jornal argumenta a partir de um ponto de vista contrário ao do presidente, coadunando com os discursos de direita. Isso porque o papel que *O Estadão* assume é o da oposição, a qual, no cenário político brasileiro contemporâneo, coincide com o papel das agremiações políticas de direita. Isso é comprovado na passagem abaixo:

- (3) *Lula ainda conserva, entalada, uma profunda compulsão de desforra da ordem social que o fez comer o pão que o diabo amassou, antes que conseguisse dar a volta por cima como nenhum outro brasileiro que tivesse passado pelas mesmas adversidades.*

Os termos destacados apontam duas vozes: uma defendida e outra repudiada pela empresa jornalística. A primeira é justamente a discurso da direita política que por sua vez atualiza outros discursos maiores, tais como o neoliberalista e o positivista. O outro é o discurso de esquerda, marcado pela presença do discurso sindical e que é desqualificado pelo editorial como se vê na

passagem “... fez comer o pão que o diabo amassou...”. O jornal acessa ainda outras representações construídas por ele mesmo, como é o caso da *teoria gástrica do jornalismo*, lançada no editorial *Por que Lula não lê jornais*. Esta voz contribui para reforçar a categorização de Lula como sendo intransigente e averso à imprensa nacional.

Enfim, o que se vê é que o jornal se põe em uma posição de orquestrador dos discursos presentes em sua enunciação e como árbitro da validade e do valor de verdade das representações veiculadas por essas vozes sociais e que o referente discursivo *Lula* se contrói na dinâmica de interna dessas vozes, enfim, no *plurinlguismo referencial*.

Considerações Finais

O que buscamos defender foi que o estudo da referenciação necessita de alguns avanços no sentido do empreendimento de um olhar discursivo para os processos de construção de objetos de discurso e que, ainda que timidamente, alguns esforços vêm sendo desenvolvidos a esse respeito como é o caso da proposta de Alves Filho (2010), Santos-Silva e Sousa (2009) e Vieira (2009). A perspectiva que adotamos foi a de uma análise dialógica da referenciação que tem no *plurilinguismo referencial* um de suas bases e que entende que os objetos de discurso se constituem na dinâmica das vozes sociais componentes das enunciações.

As análises nos levaram a confirmar que a observação específica das cadeias anafóricas é insuficiente, pelo menos no gênero editorial, para dar conta da observação da colaboratividade da referenciação e da avaliação característica desse gênero de discurso. No jornal *O Estadão*, nos editoriais em que o referente *Lula* constitui o tema central da discussão, a organização heteroglóssica do enunciado apresenta a seguinte tendência: o editorial **marca**, no geral, somente as vozes que pretende desqualificar e que, predominantemente, são do presidente Lula, ao passo que sua posição política é alicerçada em vozes **não-mostradas**. Assim, o jornal dissimula, reproduz e propaga vozes sociais que constroem representações desqualificadoras de Lula com as quais a empresa jornalística coaduna, de modo que o objeto de discurso *Lula* é construído na dinâmica dessas vozes sociais **marcadas e não-marcadas** na enunciação.

Reafirmamos, também, aqui as discussões e as respectivas “conclusões” resultantes dessas discussões. No entanto, é importante ter em vista que, em virtude dos propósitos deste trabalho e de algumas limitações deste gênero acadêmico (artigo científico) não foi possível o desenvolvimento de uma análise mais meticulosa e exaustiva de muitas questões que ainda permanecem em aberto e que requerem uma atenção posterior.

Referências

- ALVES-FILHO, Francisco **Integridade genérica versus versatilidade no editorial de jornal**. In: V SIGET: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2009, Caxias do Sul - RS. V SIGET: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais – O Ensino em Foco - ANAIS. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/UCS, 2009.
- _____. **“Sua casinha é meu palácio”**: por uma concepção dialógica de referenciação. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 207-226, jan./abr. 2010
- ALVES-FILHO, Francisco; SOUSA, Digenário Pessoa. **O funcionamento sócio-axiológico dos editoriais de jornal**. (no prelo), 2009.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Heterogeneidades enunciativas**. Tradução Celene M. Cruz; João W. Geraldí. In.: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 19, p. 25-42, jul/dez. 1990.
- BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002 [1929].
- BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2005.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Expressões referenciais: uma proposta classificatória**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, (44): 105-118, Jan/Jun. 2003
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FIORIN, J. L. **Interdiscursividade e intertextualidade**. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. V. **Referenciação e orientação argumentativa**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. **Atos de referenciação na interação face a face**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, (941): 37-54, Jul./Dez. 2001
- MELO, J. Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MONDADA, L. & DUBOIS, D. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação**. In: CAVALCANTE, M. M. & RODRIGUES, B. B. & CIULLA, Al. (Org.). **Referenciação**. V. 1. São Paulo: Contexto, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MONDADA, L. **Gestion Du topic et organisation de la conversation**. Cad.Est.Ling., Campinas, 941): 7-36, Jul./Dez. 2001
- SANTOS-SILVA, Lafity; SOUSA, Digenário Pessoa de. **A construção do referente discursivo "Lula" em editoriais de jornais**. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. ABRALIN 40 anos. João Pessoa : IDEIA, 2009. v. 1. p. 1053-1057.
- STELLA, P. R. Palavra. IN.: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.
- VIEIRA, Maria Lourdilene. **O papel das predicções na construção e/ou designação de objetos de discurso ao longo de cadeias textuais**. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. ABRALIN 40 anos. João Pessoa : IDEIA, 2009. v. 1. p. 2327-2335.